

# FETICHISMO: PARADIGMA DA PERVERSÃO

2007

**Rosa Maria Silva dos Santos**

Graduanda do curso de Psicologia - Faculdade Ruy Barbosa (Brasil)

Contacto:

[rosa\\_mss@hotmail.com](mailto:rosa_mss@hotmail.com)

---

## RESUMO

Este artigo consiste numa reflexão sobre o fetichismo, processo pelo qual o homem desvia o foco do seu interesse sexual, fixando-se em objetos inanimados, e/ou em partes do corpo do parceiro sexual, elegendo-os como elementos indispensáveis para que atinjam o máximo prazer sexual. Como consequência do estabelecimento do fetiche, há empobrecimento e estereotipia, uma fixação que impossibilita qualquer jogo amoroso e anula o reconhecimento do outro. Em contrapartida, o fetiche funciona como uma artimanha que parece “salvar” o fetichista da falta, se bem que esta está irremediavelmente inscrita no próprio fetiche.

**Palavras-chave:** fetichismo, fetiche, castração, prazer, perversão.

---

Fetichismo é a atribuição simbólica a pessoas, partes do corpo ou coisas de propriedades ou características que emanam de outros objetos ou indivíduos. O termo *fétiche* vem do francês, que por sua vez vem do português “feitiço”: sortilégio, artifício. O termo não poderia ser melhor escolhido, pois de certa forma, os fetichistas ficam “enfeitiçados” pelos objetos que os excitam (Grifo meu).

Um fetiche é um objeto material ao qual se atribuem poderes mágicos ou sobrenaturais, positivos ou negativos. Inicialmente este conceito foi usado pelos portugueses para se referir aos objetos empregados nos cultos religiosos dos negros da África Ocidental. O termo tornou-se conhecido na Europa através do erudito francês Charles de Brosses em 1757, sendo mais tarde retomado pelos fundadores da sexologia.

O conceito de fetichismo foi usado no campo da Antropologia, na Psicanálise, principalmente por Freud, e na Sociologia por Marx. Na língua portuguesa, *fetichismo* é um

substantivo masculino, tendo no dicionário Aurélio os seguintes significados: 1. Rubrica: ocultismo. Culto de objetos que se supõe representarem entidades espirituais e possuírem poderes de magia; a. Rubrica: Psicopatologia. Desvio do interesse sexual para algumas partes do corpo do parceiro, para alguma função fisiológica ou para peças de vestuário, adorno, entre outros. 2. Derivação: por extensão de sentido. Admiração exagerada, irrestrita, incondicional por uma pessoa ou coisa; veneração (FERREIRA, 1985).

O dicionário de Psicologia Dorsch (2001) define fetiche, fetichismo, como um termo da Psicologia antropológica utilizados para designar a crença no poder misterioso, supra-sensível, demoníaco de objetos inanimados. No fetiche mora um demônio banido. O amuleto é proteção passiva (por ex., contra acidente). Talismã é auxílio ativo (p.ex., pedra filosofal que tudo transforma em ouro). O fetichismo é a forma mais primitiva de um culto. Fetiche em sentido sexual – sexualidade.

Na Antropologia, o conceito de fetichismo descreve os sistemas de crenças de índole, geralmente animista, que atribuem a determinados objetos propriedades mágicas ou divinas, ou que conferem a esses mesmos objetos, representações ou transposições de um ser superior cujas características seriam possuidores.

Na perspectiva psicopatológica, por analogia, foi cunhada a expressão fetichismo erótico para definir a tendência de um indivíduo, a sentir atração sexual por uma parte especial ou particularidade do corpo, ou por algum objeto a ele associado. Em Psicopatologia, fetichismo se refere à atribuição de significado erótico a roupas e objetos que, em si mesmos, não carregam tal significado. No fetichismo erótico, esses objetos perdem o papel acessório que têm na atividade sexual para se converter em pontos focais dela.

O foco parafilico no *fetichismo* envolve o uso de objetos inanimados - “fetiches”. Entre os objetos de fetiche mais comuns, estão calcinhas, soutiens, meias, sapatos, botas ou outras peças do vestuário feminino. O indivíduo fetichista freqüentemente se masturba enquanto segura, esfrega ou cheira o objeto do fetiche ou pode pedir que o parceiro use o mesmo durante seus encontros sexuais. Em geral, o fetiche é exigido ou enfaticamente preferido para a excitação sexual, podendo os homens, em sua ausência, apresentar disfunção erétil.

Deste modo, o fetichismo considerado como desvio sexual, também aparece como ingrediente de outros comportamentos sexuais de caráter mais complexo, como as práticas sadomasoquistas. Nesse tipo de desvio, a atividade sexual se cerca de rituais em que intervêm objetos que atuam como estimulantes eróticos, com uma carga de significado específica.

No fetichismo cultural, fala-se de um vínculo não a fenômenos religiosos ou a comportamentos de caráter psicopatológico, mas a um valor atribuído a objetos em determinados meios culturais. Alguns sociólogos consideram que as relações socioeconômicas nas sociedades avançadas criam uma cultura fetichista, pela qual, a posse de certos objetos confere uma valorização pessoal e especial ao indivíduo. A sociedade de consumo tenderia assim, a produzir desvios sociais e a provocar o abandono de objetos vitais básicos, pela adoção de estereótipos dos grupos sociais privilegiados, como automóveis, iates, alimentos exóticos e caros, entre outros.

Marx (1983) utiliza o conceito de fetiche no sentido original de “feitiço”, para se referir ao duplo aspecto: econômico e ideológico que a mercadoria assume na sociedade capitalista.

Diante deste espectro de conceitos e definições, existem dois pontos para os quais esse artigo se torna pertinente: o que leva um ser humano a se tornar fetichista? O que faz com que o humano seja tão dependente de objetos inanimados, ou de parte do corpo de outra pessoa para obter prazer sexual?

Segundo Freud (1910), “o fetiche é um substituto do pênis; o pênis da mulher (mãe) em que o menino outrora acreditou, e que por razões lhe são familiares, não deseja abandonar”. O que sucedeu, portanto, foi que o menino se recusou a tomar conhecimento do fato de ter percebido que a mulher não tem pênis. E se isso fosse verdade, então seu próprio pênis estaria em perigo e este pênis é extremamente importante nesta infância. E o “... horror da castração ergue um monumento a si próprio na criação desse substituto” (Freud, 1910). Então o fetiche é o substituto, contudo, ele substitui não o pênis, mas a sua falta. É nesse sentido que ele é um “monumento” à castração.

O fetiche, então, se torna um símbolo de um triunfo sobre a ameaça de castração e serve de proteção contra ela. Desta forma, os fetichistas tornam a mulher objeto tolerável como objeto sexual, evitando assim que eles se tornem homossexuais, pois existe uma aversão aos reais órgãos genitais femininos. A visão do corpo feminino pode ser tolerada sob a condição de que a significação de falta, vazio ou ausência seja anulada pela presença perceptível do objeto fetiche, cuja função é operar um efeito apaziguador sobre a angústia e recusar a perda. A partir daí, será exigida ao ego fetichista, uma repetição contínua dessa recusa por meio de uma atividade compulsiva que situe os objetos perceptíveis e controláveis destinados a cumprir essa função. Por este motivo, eles passam primeiro pelo contato com o objeto do fetiche para depois prosseguir com o curso da relação sexual.

Uma conseqüência do estabelecimento do fetiche na perversão é o empobrecimento e a estereotipia. Fixação que impossibilita qualquer jogo amoroso e anula o reconhecimento do outro. Em contrapartida, o fetiche é uma artimanha que parece “salvar” o fetichista da falta, se bem que esta está irremediavelmente inscrita no próprio fetiche.

Não se sabe ao certo como o objeto é escolhido para substituto, no entanto, parece que quando o fetiche é instituído ocorre certo processo, que faz lembrar a interrupção da memória na amnésia traumática. É como se o humano se interrompesse a meio caminho e, a última impressão antes do trauma fosse retida no fetiche. Assim, o pé ou o sapato devem ter preferência como objeto do fetiche, pois o menino espia os órgãos genitais de uma mulher a partir de baixo, das pernas para cima, como também são escolhidos objetos de fetiches, peças íntimas, pois estas cristalizam o momento de se despir. O último momento em que a mulher ainda é fálica. No entanto, Freud já encontrou um cliente cujo fetiche era o nariz.

Então, através da teoria psicanalítica, especificamente em Freud, podemos entender que o homem pode experimentar um grau de desconforto que gera angústia diante do ato sexual porque

o faz reviver, inconscientemente, o temor da castração, fazendo-o se desviar do alvo sexual normal e, incitando-o à sua substituição. Desta forma, o indivíduo só obtém prazer sexual se primeiro passar por seu objeto de fetiche.

Nessa perspectiva, o fetichista não consegue obter prazer sexual desvinculado do seu objeto de fetiche no qual o objeto amoroso (partes do corpo ou objetos relacionados com o corpo) funciona para o sujeito como o substituto de um falo atribuído à mulher, e cuja ausência é recusada por uma renegação (ROUDINESCO, 1994). Por outro lado, as mulheres são usadas como objetos de fetiche no momento que acreditam que usando tais roupas e sapatos, irão conquistar seu homem.

O fetiche está para a perversão assim como o sintoma está para a neurose. Nunca presente como "excluído", mas, pelo contrário, "oferecido ao uso", recebido como aquilo que faz a lei. E à medida que ele "faz a lei", ele realiza não o recalque, mas o desmentido da castração e do significante do desejo. É o processo característico da perversão. Digamos que desmentir é a recusa em outorgar certo sentido a um fenômeno que objetivamente tem sentido. O fenômeno é rebaixado ao não-senso. Mas pelo desmentido o sujeito supõe o sentido que ele se recusa a reconhecer. É exatamente isto que acontece com o fetiche (ANDRADE, 1992, p.13).

A criação do fetiche, portanto, obedece à intenção de destruir a prova da castração, para escapar da angustia de castração. O fetichismo, desse modo, tornar-se-ia uma espécie de paradigma da perversão em geral (ROUDINESCO, 1994).

Qualquer fetiche remete à mesma estrutura da perversão, pois ele tem sempre uma relação essencial com o lugar do objeto primordial: a mãe. A identificação imaginária própria da perversão é a identificação com a mãe, e uma interpretação da falta como falta passível de ser suprida. Daí a função do fetiche.

O fetiche é proposto, portanto, como objeto, enquanto significante da lei. Ele é, por assim dizer, o Nome-do-Pai feito objeto, sem qualquer referência a um Outro ausente. Aí reside o seu poder e sua miséria (ANDRADE, 1992). Melhor dito, o perverso tem lei, sim. O que o diferencia é a significação que ele outorga a esta lei.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base no que foi exposto, podemos considerar que o termo fetichismo tem um significado que vai para além do condicionamento de um simples objeto e/ou de um estímulo qualquer. Esse pode ser entendido sobre o viés de vários ramos do saber, cito: a Filosofia, a Psiquiatria, a Sociologia, a Antropologia, a Psicanálise, entre outras.

Sob o olhar Psicanalítico, o sentido dado ao fetiche foi o de representar um pênis, o falo feminino que para o perverso é impossível de conformar-se que não exista. Dizendo de outro modo, o objeto fetiche pode representar uma perda, a idéia de um falo da mãe, na qual acredita a criança. Nesse aspecto, o significado de fetiche, seja ele aplicado ao sexo ou não, é basicamente o mesmo: adorar e desejar alguma coisa para satisfazer um desejo, gozar o mais fácil e rapidamente possível.

Um ponto a ser destacado é que não foi objetivo desse artigo esgotar a temática em questão, até porque para a Psicanálise nenhuma tema se esgota, ao contrário, fomenta questionamentos para que se possa nortear a direção no tratamento do humano, paralelo às possíveis descobertas que permeiam, neste caso específico o paradigma da perversão. Deste modo, uma questão se faz pertinente: no fetichista há apenas a recusa da castração da mulher ou reconhecimento da castração? Esses dois processos ocorrem simultaneamente? Assim sendo, convém destacar que como diversas áreas obscuras da sexualidade humana, também o fetichismo requer muito mais pesquisas para ser compreendido no que tange à sua dinâmica.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. F. G. *Estrutura e perversão*. Trabalho apresentado na Jornada Científica do Círculo Psicanalítico de Pernambuco. Recife, 13/jun/1992. Disponível em: <[http://www.escolafreudiana.jp.org/trabalhos/Estrutura\\_e\\_perversao.PDF](http://www.escolafreudiana.jp.org/trabalhos/Estrutura_e_perversao.PDF)> Acesso em: 12 out 2007.

DORSCH, F. *Dicionário de Psicologia* Dorsch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FETICHISMO. In: FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FREUD, S. Fetichismo (1927). In: *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 151-160. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 21).

MARX, K. *O Capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Supervisão Ed. Brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.